

## O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DAS PRÁTICAS GINÁSTICAS: PARTICULARIDADES DA GINÁSTICA PARA TODOS

### THE SPORTIVIZATION PROCESS OF GYMNASTICS: PARTICULARITIES OF GYMNASTICS FOR ALL

### EL PROCESO DE DEPORTIVIZACIÓN DE LA GIMNASIA: CARACTERÍSTICAS DE LA GIMNASIA PARA TODOS

Helen Maria Rodrigues da Silva<sup>1</sup>, Fernanda Raffi Menegaldo<sup>2</sup>, Tabata Larissa Almeida<sup>2</sup>, Marco Antonio Coelho Bortoleto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Prefeitura Municipal de Campinas (PMC), Campinas, São Paulo, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Endereço eletrônico para contato: Helen M<sup>a</sup> Rodriguez da Silva: hmr.helen@gmail.com

**Recibido: 07.04.2020**

**Aceptado:05.11.2020**

#### Resumo

A Ginástica para Todos (GPT) é uma prática corporal coletiva, essencialmente não competitiva, que se manifesta, prioritariamente, por meio de apresentações de composições coreográficas em festivais ginásticos, sendo uma das práticas reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Este ensaio tem o intuito de discutir o processo de estruturação dessa prática, com enfoque no âmbito federativo, no sentido de identificar as influências do “processo de esportivização”. Nesse sentido, identificamos uma série de características que a diferencia das demais modalidades gímnicas esportivas regidas pela FIG, tais como a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica. De modo sintético, a GPT expressa uma forma de resistência ao referido processo, o que ressalta sua relevância como prática corporal contemporânea, particularmente, no que tange à possibilidade de experimentar uma atividade coletiva, cooperativa e que não está submetida aos preceitos escritos dos códigos gestuais, de pontuação e dos sistemas avaliativos que norteiam as práticas gímnicas esportivizadas.

Palavras-chave: Ginástica, Esporte moderno, Sociologia do Esporte.

#### Abstract

Gymnastics for All (GfA) is a collective body practice, essentially non-competitive, which manifests itself primarily through choreographic compositions' performances at gymnastic festivals, being one of the gymnastics recognized by the International Gymnastics Federation (FIG). This essay aims to discuss the process of structuring of GfA, with a focus on the federative scope, in order to identify the influences of the “sportivization process”. In this sense, we identified a series of characteristics that differentiate it from the other gymnastic sports, governed by FIG, such as Artistic Gymnastics and Rhythmic Gymnastics. In general terms, GfA expresses a form of resistance to the referred process, which highlights its relevance as a contemporary gymnastics practice, particularly with regard to the possibility of experiencing a collective and cooperative activity that is not subject to the gestural codes, scoring and evaluation systems that guide all gymnastic sports.

Keywords: Gymnastics, Modern Sports, Sociology of Sports.

## Resumen

La Gimnasia para Todos (GPT) es una práctica corporal colectiva, esencialmente no competitiva, que se manifiesta principalmente a través de presentaciones de composiciones coreográficas en festivales de gimnasia, siendo una de las prácticas reconocidas por la Federación Internacional de Gimnasia (FIG). Este ensayo tiene como objetivo discutir el proceso de estructuración de esta práctica, centrándose en el ámbito federativo, con el fin de identificar las influencias del "proceso de deportización". En este sentido, hemos identificado una serie de características que lo diferencian de otros deportes gimnásticos regidos por la FIG, como la Gimnasia Artística y la Gimnasia Rítmica. En resumen, la GPT expresa una forma de resistencia al proceso antes mencionado, que destaca su relevancia como práctica corporal contemporánea, particularmente con respecto a la posibilidad de experimentar una actividad colectiva y cooperativa que no esté sujeta a los estrictos preceptos de los códigos gestuales, sistemas de puntuación y evaluación que guían la gimnasia deportiva.

Palabras clave: Gimnasia, Deporte Moderno, Sociología del Deporte.

## Introdução: notas sobre o processo de esportivização

Múltiplos estudos, em particular nos campos da Sociologia e da História do Esporte, têm contribuído para o melhor entendimento dos (re)arranjos nas engrenagens socioculturais e, conseqüentemente, da dinâmica das distintas práticas corporais que incluem jogos populares ou tradicionais e esportes institucionalizados (Corbin, Courtine e Vigarello, 2006; Guttmann, 1978; Parlebas, 2001). De modo consistente, diversas análises ressaltam as influências da sociedade na reprodução e na transformação dessas práticas, bem como a importância do esporte para a sociedade moderna (Parlebas, 1988). Essa relação dialógica permite, em alguns casos, observar como o esporte, entre outras práticas, tornou-se parte do modo de vida, da experiência individual e social, representando um processo dinâmico de relevante valor para a compreensão da sociedade contemporânea (Elias e Dunning, 1992). Para alguns autores, a relação esporte-sociedade é tão intrínseca que o primeiro acaba sendo estudado na busca da compreensão do segundo, considerando as práticas esportivas como "sociedades em miniatura" (Elias e Dunning, 1992).

No cerne desses movimentos que conduzem os diversos engendramentos do esporte moderno, destaca-se o processo de esportivização das práticas corporais, isto é, a transformação das mesmas em esporte com base na codificação, normatização, institucionalização e na universalização dos modos de praticá-las (Elias e Dunning, 1992). Embora se trate de um fenômeno em curso desde meados do século XVIII, foi a partir do final do XIX e, ainda mais fortemente, durante o século XX, que esse processo se tornou mais intenso e amplo. Com isso, vimos emergir a burocratização do esporte, a sistematização de sua prática, a elaboração de regras, códigos e regulamentos que resultam numa série de padronizações, inclusive, das condutas emergentes observadas entre seus praticantes (Parlebas, 2001). Esse processo pode ser notado em todos os níveis (local, regional e internacional), despertando uma significativa reestruturação organizacional, por meio de associações, federações e confederações que, em definitivo, materializam a institucionalização dessas práticas.

Ainda que esse processo não possa ser compreendido como causa e efeito e que seus desdobramentos e características possam apresentar algumas distinções mediante aspectos políticos, geográficos e culturais, Elias e Dunning (1992) relacionam o processo de esportivização a mudanças de comportamentos e das estruturas da sociedade nos últimos séculos. O continente europeu, cenário que respalda as reflexões dos autores, se encontrava em um processo de refinamento de hábitos cotidianos, documentado através de manuais de comportamento da época (Elias, 1994), além da construção de um novo paradigma político, o parlamentarismo inglês. Essas mudanças são, em concordância com Elias (1994), conseqüências do que o autor intitulou como "processo civilizador", e que Dunning (2014), em pesquisas mais recentes, nomeou como "processo civilizatório".

Os desdobramentos do processo civilizatório podem ser notados de formas distintas, nos mais diferentes contextos sociais. Na política, por exemplo, emerge um sistema parlamentar complexo; enquanto no esporte, configura-se o que anunciamos anteriormente de processo de esportivização. De acordo com Parlebas (2001), tanto a instituição do parlamento como o processo de esportivização das práticas corporais tiveram – e, por vezes, ainda têm – a "função pacificadora", uma vez que interferem e medeiam a sensibilidade à violência por meio da instalação de normas e regras que superam as distintas formas de acordos tácitos. As regras tácitas transformam-se, assim, em acordos institucionais, na medida em que são sistematizadas, materializadas e oficializadas nos estatutos e códigos de comportamento. Seja no âmbito

social amplo, ou no esporte em particular, as regras que permeiam as instituições visam a diminuir, drasticamente, os limites de violência, com base nos conceitos modernos de tolerância (Parlebas, 1988). Essa nova conjuntura se reflete nas ações cotidianas e nas expressões dos divertimentos, incluindo nas de caráter esportivo. Desse modo, conforme ressalta Dunning (2014), as regras institucionalizadas se tornam ferramentas efetivas para o controle social, valorizando a burocratização e a normatização da prática esportiva.

Entre as inúmeras práticas que passaram pelo processo de esportivização e que alcançaram os tempos atuais, encontra-se a Ginástica. Trataremos nesta oportunidade da Ginástica para Todos<sup>1</sup> (GPT), prática que circula no universo gímnico desde os primórdios não apenas da Federação Internacional de Ginástica (FIG) (FIG, 2006a), mas, também, de diversas federações nacionais europeias (Wichmann, 2015).

A prática da GPT, cuja origem revela traços dos métodos ginásticos europeus (Pfister, 2010; Quitzau, 2014; Soares, 2000; Soares e Moreno, 2015) e das práticas identificadas nos grandes festivais de ginástica do século XIX e XX (Bortoleto et al., 2019; Patrício, Carbinatto e Bortoleto, 2016; Wichmann, 2015), não escapou, totalmente, da racionalização e sistematização da Ginástica, embora tenha sofrido esse processo de modo diferente, permitindo-nos o atrevimento de identificá-la como uma forma de “resistência” às tendências da esportivização. Nesse sentido, é possível contrastar a GPT com as modalidades gímnicas esportivizadas, mais conhecidas pelo seu caráter competitivo.

## A racionalização da Ginástica

As mudanças nas configurações sociais catalisadas ao longo do processo civilizatório levam, diretamente, à necessidade de se refletir sobre a importância da racionalização, do controle e da objetivização do esporte. Essa dinâmica tem sido amplamente debatida no campo específico da Ginástica, especialmente, pelos historiadores de sua manifestação entre os séculos XVIII, XIX e início do XX (Scharagrodsky, 2011).

Para Elias (1994), a relação entre sociedade e indivíduo é dinâmica e, conseqüentemente, mudanças na esfera social e no *habitus* adotado pela sociedade ocidental trouxeram para o cotidiano diretrizes mais rígidas de uma sociedade cerceada por normas e leis. Desse modo, Elias e Dunning (1992) observam o esporte moderno e seu desenvolvimento para discutir a sociedade de um modo mais amplo. Numa perspectiva histórica, Soares (1998) analisa a prática da ginástica no século XIX, possibilitando a compreensão de diferentes aspectos da sociedade ocidental, especialmente, aqueles relacionados com a educação dos corpos. De modo geral, nota-se uma nítida busca pela disciplina e pelo autocontrole, aspectos centrais no processo civilizatório. Essa racionalização representa o cerne dos métodos ginásticos europeus:

Uma ideologia cientificista impregna a vida dos indivíduos, grupos e classes, transformando a sociedade em um grande organismo vivo que tende a evoluir do inferior ao superior, do simples ao complexo, e onde tudo pode (e deve) ser medido, classificado, comparado, definido e generalizado a partir da descoberta constante e de “leis” (Soares, 1998, p. 19, grifos do original).

O desejo de uma sociedade mais autocontrolada se desdobra nos processos de educação do corpo, incluindo a prática ginástica, quer seja no âmbito militar quer seja no âmbito civil. Assim, conseguimos observar uma evolução científica da ginástica que “[...] afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade” (Soares, 1998, p. 17). Foi, precisamente, esse entendimento que se contrapôs à ginástica dos funâmbulos e acrobatas – presentes em registros desde o período medieval – que desafiavam a sistematização e as influências higienistas dos métodos ginásticos.

Ao longo dos séculos XIX e XX, os métodos ginásticos europeus ganharam reconhecimento e influenciaram o modo de fazer ginástica para além das fronteiras europeias (Pfister, 2010; Scharagrodsky, 2011). O caráter disciplinador e metódico da prática ginástica foi direcionado para o ensino de valores como a coragem, o caráter, a virilidade, assim como o uso eficiente do tempo, alcançando não apenas os contextos militar e civil, mas, também, instituições escolares (Soares, 1998). Esses métodos convergem com a evolução das técnicas científicas que possibilitam a mensuração e comparações numéricas, aproximando-se da ideia de “corpo-máquina” (Corbin, Courtine e Vigarello, 2006).

Esse cenário, situado entre o fim do século XVIII e as primeiras décadas do século XX, foi marcado, em concordância com Soares e Moreno (2015, p. 108), por “novas formas de morar, de vestir, de se alimentar, de amar, de falar, de gesticular, de se educar, ou, mais amplamente, de viver”, isto é, por um conjunto de mudanças que dialogam com as mais diversas tendências de sistematização e institucionalização anunciadas pelo processo civilizatório e que atravessam as práticas corporais por meio do processo de esportivização.

Para além dos métodos, indícios notórios da racionalização da prática gímnica, os grandes eventos de ginástica (Patrício, Carbinatto e Bortoleto, 2016) contribuíram para a consolidação de exibições coletivas desse corpo outro, isto é, de corpos disciplinados e autocontrolados, que reproduziam um controle social exercendo, em muitos casos, a tarefa de exteriorizar a identidade nacional, além da disciplina, da força e do poder militar. Como evidencia o estudo mencionado acima, o *Deutsche Turnfest*, realizado na Alemanha desde 1860, bem como o *Slet*, realizado na República Tcheca desde 1882, são, ainda hoje, reconhecidos como eventos nacionais tradicionais, importantes para a divulgação e a promoção da ginástica, bem como das instituições, clubes e associações (Gajdoš et al, 2012; Roubal, 2003).

Assim, entendemos que o processo de racionalização contribuiu para a institucionalização da ginástica, inclusive, de sua prática demonstrativa, coletiva e não competitiva, características que constituem o seu “núcleo primordial” (Ayoub, 1998; Soares, 1998). Todas essas ações institucionalizantes culminaram não apenas em diferentes formas de se praticar ginástica, como, também, na necessidade de criação de instituições normatizadoras: por exemplo, a Federação Internacional de Ginástica (FIG), que, hoje, atua no desenvolvimento de várias práticas gímnicas, entre elas a GPT.

## A institucionalização da Ginástica

Como consequência dessa racionalização identificada, prioritariamente, pela difusão dos métodos e a realização dos grandes eventos ginásticos, outro movimento inicia-se por meio da criação de associações; a institucionalização dessa prática ganha forma na medida em que surgem as primeiras associações e federações nacionais de ginástica. É nesse contexto que, em concordância com registros da FIG (2006b), surge uma proposta de vinculação entre algumas dessas associações nacionais. A proposta, encabeçada pelo belga Nicolau Cupérus, resulta na fundação da Federação Europeia de Ginástica (FEG), em 1881, que, décadas depois, em 1921, avança com suas fronteiras institucionais, mudando sua denominação para Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 1921 (FIG, 2006b). Com isso, a FIG torna-se a instituição de maior representatividade internacional da ginástica, o que não impediu que outras organizações nacionais, e até mesmo internacionais, continuassem ativas ou surgissem, paralelamente, a esse processo (Bortoleto, Carrara e Roveri, 2018).

Nesse período, a prosperidade do processo de esportivização se vê refletida, fundamentalmente, nas ginásticas competitivas, observando a incorporação das modalidades: Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica Aeróbica (GAE), Ginástica de Trampolim (GTR), Ginástica Acrobática (GACRO) e, mais recentemente, o Parkour. Ao analisarmos a literatura especializada (FIG, 2006b; FIG, 2016), é possível perceber que a GAM e a GAF não só foram institucionalizadas, mas tiveram seus processos de esportivização expressivamente mediados pela FIG, uma vez que a instituição foi responsável pela organização e pela sistematização das primeiras competições internacionais dessas práticas, que ocorreram em 1903 e 1934 respectivamente.

De modo similar, porém mais tardiamente, a GR e a GAE foram reconhecidas e incorporadas pela FIG na medida em que foram organizando-se paralelamente, ampliando o contingente de praticantes e a participação internacional em seus eventos. A GR, intitulada como Ginástica Moderna até 1975, tornou-se muito popular na Europa ainda antes da metade do século XX, onde se tem registros de campeonatos realizados no hemisfério norte desde a década de 1940 (embora apenas em 1963 a FIG tenha organizado o primeiro campeonato mundial da modalidade). Da mesma forma, a GAE também já possuía um público expressivo quando foi incorporada à FIG, em 1994. Isso nos leva a pensar que o processo de esportivização dessas práticas se deu interna e externamente à FIG.

Outras modalidades, porém, já possuíam não apenas competições em nível internacional como também federações internacionais próprias quando foram incorporadas pela FIG – como é o caso da GACRO (1998) (Azevedo e Gallardo, 2007) e da GT (1998) (Bortoleto, Carrara e Roveri, 2018). Dessa forma, essas instituições já existentes transferiram à FIG “total” poder para condução e organização dessas práticas em nível mundial. Esse processo de incorporação mantém-se dinâmico, incluindo, nesse momento, as

competições de Parkour (FIG, 2017a) e, quem sabe, de outras modalidades no futuro, como a Ginástica Estética de Grupo ou o TeamGym, disciplinas que já são difundidas internacionalmente, inclusive, sob a regência de federações nacionais e, algumas delas, confederações continentais (Menegaldo, 2018).

Conduzindo os processos de reconhecimento e institucionalização dessas disciplinas, a FIG se estrutura a partir de Comitês Técnicos específicos de cada uma dessas modalidades, responsáveis pela organização e gerência das ações voltadas para cada prática e também pela sistematização e elaboração de regulamentos, o que no contexto gímnico é intitulado como Código de Pontuação (CoP).

Os CoP das modalidades gímnicas podem ser compreendidos, basicamente, como um conjunto de diretrizes e regras que regem as diferentes práticas (Oliveira e Bortoleto, 2009), determinando, portanto, as particularidades de suas lógicas internas (Parlebas, 2001). O primeiro CoP data de 1949, elaborado pelo suíço Arthur Gander, que desenhou o primeiro regulamento para a GAM (FIG, 2016). É a partir desses CoP que as práticas gímnicas integralmente esportivizadas se desenvolvem e (re)afirmam suas tendências, padrões e preferências em relação aos corpos, aos movimentos, aos aparelhos e aos comportamentos típicos de cada prática. Sendo atualizado a cada ciclo olímpico, é a partir desses CoP que se constrói o sistema de avaliação e quantificação dessas práticas, respaldando o sistema subjetivo de arbitragem da ginástica. Nesse sentido, é possível compreender a grande expressão que esses códigos possuem no universo gímnico esportivizado, também de grande precisão, perfeição e especialização, particularidades que dialogam de forma assertiva com as características do esporte moderno (Guttmann, 1978).

Para além da codificação e sistematização das práticas, a institucionalização, também, permitiu que a FIG ousasse na atuação não apenas burocrática, mas, também, formativa acerca das modalidades gímnicas (Bento-Soares, 2019). Hoje, conhecido como *FIG Academy*, o programa de formação de treinadores da instituição é reconhecido internacionalmente e oferece cursos específicos para cada modalidade. Essas ações formativas datam, pelos registros da instituição, da década de 1980, e alcançam todas as federações continentais, o que, de certa forma, representa um movimento de “colonização” por parte da instituição, que propaga não apenas as formas de praticar, mas também de compreender as diferentes manifestações gímnicas.

A criação de comissões – aparelhos, atletas, competição, disciplina, educação, entre outras (FIG, 2019a) –, representa mais uma ação que fortalece uma configuração ainda mais institucional e burocrática para o desenvolvimento das modalidades no interior da FIG. Outras ações promovidas pela instituição são os congressos e conselhos, com periodicidade bianual e anual, respectivamente: eventos que, em geral, têm como agenda debates sobre a ginástica de alto rendimento, sem maior enfoque para a prática gímnica em seu âmbito participativo.

Num caminho paralelo à institucionalização das práticas competitivas, encontra-se a GPT, trajetória que será evidenciada a seguir com o intuito de evidenciar certas distinções em relação às modalidades abordadas até o momento. São nessas distinções que se encontram os argumentos que sustentam a ideia de resistência, ou ainda, de uma prática gímnica que, potencialmente, pode se contrapor às práticas absorvidas por completo pelo processo de esportivização.

## O caso da GPT

A institucionalização de uma prática essencialmente não competitiva resultou na atribuição de um propósito diferenciado à GPT no contexto da FIG. Quando colocada ao lado das disciplinas esportivizadas – GA, GR, GACRO, GT e GAE –, uma série de episódios no decorrer do desenvolvimento da GPT faz com que, atualmente, a FIG ainda possa cultivar uma forma de fazer ginástica que se distancia da sistematização, que é característica do esporte moderno (Guttmann, 1978).

Os registros da própria FIG (2006a; 2006b) indicam que, embora ainda não com esse nome, a prática que conhecemos como GPT, nos dias atuais, esteve presente na Federação Internacional desde seu início, em 1881. Nicolas Cupérus, que, a partir dos registros históricos, parece ser o defensor da ginástica não competitiva, apresenta, em 1897, uma proposta de reestruturação da jovem instituição, com o foco no incentivo dessa prática “para todos”, além de propor a “exclusão do esporte profissional” (FIG, 2014), sendo, desse modo, reconhecido por apoiar o amadorismo, por meio de uma proposta de prática da ginástica com fim em si mesma.

No entanto, independentemente dessas ideias, a sugestão de retirada do esporte profissional da agenda da FIG não foi bem recebida pela instituição, principalmente, pelo francês Charles Cazalet, que viria a se tornar o presidente da FIG em sucessão a Cupérus, no ano de 1924 (FIG, 2006b), e que é uma das figuras responsáveis pela iniciativa de organização de torneios e campeonatos de ginástica. Com o passar dos anos, a ampliação e o alcance desses eventos competitivos e a propagação e a intensificação de uma forma cada vez mais sistematizada de praticar ginástica fizeram com o que o esporte de rendimento, ou ainda, de alta performance, se tornasse o modelo hegemônico de prática corporal divulgada pela FIG. Dessa forma, as manifestações de ginástica não competitiva da época, compreendidas como GPT atualmente, parecem ter continuado ocorrendo a partir da iniciativa de outras instituições.

Esse direcionamento às práticas competitivas resultou, entre outros aspectos, numa burocratização, sistematização e organização dos padrões corporais, resultando, décadas à frente, nas modalidades esportivizadas e seus CoP. Em contrapartida, a outra face da prática gímnica, que se aproxima da GPT, não recebeu tal atenção institucional nesse primeiro momento. A partir desse cenário, surgem algumas reflexões: será que as manifestações que intitularíamos de GPT, isto é, coletivas, com fins demonstrativos e não competitivos, precisavam desse apoio institucional? Será que, externamente à FIG, essas manifestações já não garantiam sua continuidade e seu desenvolvimento? Seriam os festivais de ginástica, alguns mais antigos que a própria FIG, os grandes responsáveis pela propagação dessa forma de fazer ginástica?

Em concordância com Patrício, Carbinatto e Bortoleto (2016), os festivais foram e ainda são o principal meio de veiculação da GPT, sendo, ao nosso ver, os espaços legítimos para a disseminação dessa prática, assim como as competições são para as outras práticas gímnicas. Esses festivais – como o *Deutsche Turnfest* e o *Slet*, citados anteriormente – se estabeleceram como importantes meios para o desenvolvimento dessa prática gímnica coletiva. Atualmente, em concordância com Patrício e Bortoleto (2015), os festivais ginásticos não são apenas espaços de apresentações, mas visam ao conagraçamento entre os participantes, além de fomentar o intercâmbio cultural (Wichmann, 2015) e os valores como voluntariado e associativismo, transformando esses eventos em espaços de aprendizado carregados de valores intrínsecos à formação humana.

Além do *Deutsche Turnfest* e do *Slet*, outros grandes festivais merecem destaque neste momento de nossa reflexão. O *Swiss Federal Gymnastics Festival* (1832), na Suíça, o *Sun Svoli Gymnastics Festival* (1886), na Finlândia, e o *Landsstaevne* (1862), na Dinamarca, foram eventos importantes para a propagação da GPT junto aos eventos alemão e tcheco (Patrício, Carbinatto e Bortoleto, 2016): suas primeiras edições ocorreram ainda no século XIX, ou seja, foram eventos externos ao controle institucional da FIG, promovidos por federações e associações nacionais.

Por volta da década de 1950, outros vários festivais surgiram pelo mundo afora, a partir de iniciativas nacionais e continentais. No entanto, a importância desse período se dá pelo fato de que foi nesse momento que ocorreu o primeiro festival internacional de GPT organizado pela FIG, o que representa um primeiro indício de reconhecimento institucional dessa prática. É por conta desse fato que enalteçemos a importância dos festivais citados acima. Durante o silêncio institucional da FIG, entre as décadas de 1880 e 1950, período em que os registros da própria Federação indicam a ausência de ações, eventos ou iniciativas em relação à prática da GPT, os festivais nacionais citados cumpriam esse papel de disseminação da prática em diferentes regiões da Europa e do mundo.

Foi, precisamente, no ano de 1953 que ocorreu a primeira *World Gymnaestrada* (WG), e a GPT, então, ganha, oficialmente, espaço no “calendário esportivo” da FIG. A organização da primeira edição desse evento foi responsabilidade do Comitê Executivo, do Comitê Técnico de Ginástica Artística Masculina e Feminina e do Comitê Técnico de Ginástica Rítmica Desportiva, segundo a nomenclatura da época. Esses três comitês foram responsáveis pela organização da WG até o ano de 1975.

A intencionalidade da FIG em organizar esse grande evento parece estar relacionada, nas primeiras edições, à popularização da ginástica, uma vez que a GPT passa a ser compreendida pela federação como uma espécie de alicerce para outras práticas (FIG, 2010), influenciando as federações nacionais a interpretá-la como “base comum” para todas as práticas gímnicas (Bento-Soares, 2019). Com isso, a WG poderia atrair as grandes potências gímnicas e seus milhares de praticantes, além de incentivar a aproximação de novas federações à FIG, isto é, novas filiações.

Para além disso, assumir a organização de um evento da magnitude da WG permite alcançar um espaço significativo no contexto das práticas corporais voltadas para o lazer (Green, 2006; Vuori, Lankenau e Pratt, 2004), o que resulta no reconhecimento de instituições como o Comitê Olímpico Internacional (COI), que passa a olhar para a FIG como uma das mais antigas instituições esportivas e grande incentivadora das políticas de estímulo à prática de atividade física. Nesse sentido, a prática da GPT viabilizou, também, o surgimento de um elo importante entre a FIG e o movimento de Esporte para Todos, tão presente no cenário europeu (Hartmann-Tews, 2002).

O ano de 1978 é reconhecido pela FIG como o ano em que a GPT e a WG ganham autonomia, uma vez que foi proposta a criação de um comitê específico para a organização do referido evento. No ano seguinte, o Comitê Executivo da FIG faz a indicação dos membros e instala o Comitê Técnico de Ginástica Geral (hoje, GPT), que passa a operar em 1980. Em 1984, ocorre a primeira eleição para esse comitê<sup>2</sup>, que se repete a cada ciclo olímpico (FIG, 2006a; 2019a).

Paralelamente à estruturação do comitê, a GPT vai ganhando visibilidade institucional e passa a ser aprimorada no que diz respeito ao seu conceito e entendimento. O surgimento do comitê impulsiona esse movimento de ordem mais reflexiva, fazendo com que a FIG reconheça a GPT como uma ginástica independente das ginásticas competitivas. É a partir desse movimento que a GPT ganha legitimidade no interior da FIG e conquista, em 1985, sua primeira definição, a qual caracterizava sua prática a partir da diversidade de movimentos e do repertório gestual, garantindo uma prática mais acessível a todos. Assim, a GPT vai se desenhando como prática coletiva, demonstrativa, não competitiva e voltada para o lazer.

Nessa mesma esteira, ainda no início da década de 1990, a FIG publica o *General Gymnastics Manual*, documento que materializa e propaga, institucionalmente, essa forma de fazer ginástica. Para além de reafirmar a diversidade de movimentos contemplados nessa prática, esse manual traz para a pauta o uso ou não de aparelhos – oficiais, tradicionais ou alternativos – para a realização de coreografias e outras possibilidades corporais e culturais, como, por exemplo, o diálogo entre a prática da Ginástica e os Jogos. A partir disso, o uso de movimentos advindos de contextos culturais de cada grupo e suas regiões ganha legitimidade, possibilitando que a GPT alcance uma gama ainda maior de praticantes e contemple diferentes formas de expressividade do corpo. Nessa primeira edição do manual, surgem, ainda, considerações acerca dos benefícios da prática em diferentes âmbitos: saúde, condicionamento físico e integração social.

O manual sofreu atualizações com o passar dos anos, apesar de não perder a essência em apresentar a GPT e suas possibilidades. Na edição atual (FIG, 2019b), denominada *Gymnastics For All Manual*, ressignificam-se os benefícios da prática, citados acima, destacando a existência dos 4Fs: *Fun* (diversão), *Fundamentals* (fundamentos da ginástica), *Friendship* (amizade) e *Fitness* (condicionamento físico). Ademais, é importante ressaltar que todas as menções relacionadas às possibilidades coreográficas – seja do corpo e dos movimentos, número de participantes, do uso de aparelhos ou do diálogo com o contexto cultural – são realizadas como sugestões e alternativas para o desenvolvimento da GPT. Esse documento não tem, portanto, nem em formato, nem em objetivo, o mesmo papel dos CoP das modalidades esportivizadas, aproximando-se de um conjunto de diretrizes, e não de um conjunto de regras ou regulamentos.

Alinhado a isso, em 2002, o Comitê Técnico de GG (GPT) passa a ser chamado apenas de “Comitê de Ginástica Geral”, retirando a termo “Técnico” da nomenclatura. Essa mudança é realizada durante a assembleia geral daquele ano, com a justificativa de que as decisões tomadas por esse comitê são distintas das determinações impostas pelos Comitês Técnicos das outras modalidades. As discussões que concernem ao Comitê de GPT (antigo Comitê de GG) são caracterizadas no âmbito de políticas esportivas ou, até mesmo, de decisões e diretrizes que dizem respeito à organização e à logística dos eventos, e não por determinações técnicas e mensuração de desempenhos, aspectos centrais das discussões das disciplinas esportivizadas.

Com isso, em 2004, o Comitê de GPT<sup>3</sup> determina com mais clareza os objetivos que devem nortear sua atuação, com intuito de aumentar o número de praticantes e buscar novas federações que possam se filiar à FIG. Nesse sentido, a GPT pode ser considerada a porta de acesso à FIG, não apenas pelo fato de a GPT ser uma prática convidativa no olhar de federações não tradicionais – por conta de sua filosofia abrangente, possibilidades, apropriações e ressignificações para diferentes públicos – mas, também, e principalmente, pelo entendimento da FIG de que a GPT é a prática base para todas as disciplinas esportivizadas reconhecidas pela federação (FIG, 2019b).

Com cada vez mais força institucional, a GPT ganha espaço, no início do século XXI, mais precisamente a partir de 2007, no programa de formação de treinadores *FIG Academy* (Fink, 2018). A formação intitulada *Foundations of Gymnastics*, considerada o *LO* ou ainda *Pre-Academy*, foi realizada pela primeira vez na cidade de Walvis Bay, na Namíbia. Estruturado pelo Comitê de GPT, esse curso tem um papel importante para a formação introdutória dos cursos das disciplinas competitivas. De certa forma, a proposta de realização desse curso dialoga não só com a ideia de GPT como base para as outras disciplinas, mas, também, com a intenção do comitê de fazer dessa prática uma alternativa para a democratização da prática gímnica entre os países filiados à FIG.

Além do curso *Foundations of Gymnastics*, o Comitê de GPT também promove outras duas ações formativas. O curso *Join Gymnaestrada*, recentemente renomeado para *Join Gymnastics for All Events*<sup>4</sup>, teve sua primeira edição em 1995, em Berlim, na Alemanha (FIG, 2006a) e, desde então, vem sendo sediado em diferentes países com o intuito de divulgar os eventos promovidos pelo Comitê de GPT. Paralelo a isso, o *Gymnastics for All Colloquium* realiza-se, anualmente, desde 1995, quando foi realizado em Copenhague, na Dinamarca, com o objetivo de reunir profissionais envolvidos com a GPT – pesquisadores, membros federativos, professores, coordenadores de grupo – para um encontro, normalmente temático, no qual são discutidos tópicos de relevância para o desenvolvimento da prática nos diferentes países.

Outra questão que deve ser observada com cautela é a possibilidade de competição no espaço da GPT. Por muito tempo, essa prática foi considerada o viés não competitivo de ginástica no interior da FIG. Para muitos, ela se mantém nessa posição e cumpre o papel de uma ginástica mais acessível, democrática e participativa justamente pelo seu distanciamento da rigidez e sistematização típicas das ginásticas esportivizadas. No entanto, apesar do reconhecimento e, por vezes, da defesa desse caráter não competitivo por parte dos estudiosos da área, e por membros do Comitê de GPT da FIG (Ayoub, 1998), é importante ressaltar que, desde sua primeira versão, o manual de GPT anuncia a possibilidade de realização de competições no contexto da GPT.

Ainda que o manual anunciasse essa possibilidade, a FIG não promoveu nenhuma ação que fomentasse esse viés da prática, uma vez que o festival organizado e promovido pelo Comitê de GPT continuava sendo a WG, que é fortemente reconhecida pela ausência de competição. Esse panorama, no entanto, altera-se a partir de 2009, quando o Comitê de GPT da FIG organiza a primeira edição do *World Gym for Life Challenge* (WGFLC), um “concurso para grupos de ginastas de todas as idades e de qualquer disciplina ginástica” (FIG, 2011, p. 10, tradução livre dos autores). Nesse sentido, o evento que já conta com três edições – 2009, 2013 e 2017 – revela-se como uma alternativa para grupos de ginástica que queiram ser avaliados no contexto da GPT.

Com pouco mais de uma década desde sua primeira edição, é possível afirmar que o WGFLC vem influenciando muitas federações nacionais para a realização de eventos semelhantes, isto é, eventos onde grupos majoritariamente de GPT se apresentam e obtêm uma avaliação e posterior premiação a partir de suas performances. Países como Portugal e Inglaterra já colocaram em seus calendários esse tipo de evento, inclusive, utilizando exatamente a mesma nomenclatura. Apesar dessa propagação, ressalta-se que a magnitude do evento é expressivamente inferior a WG, tendo, em média, um décimo da quantidade de participantes (FIG, 2017b).

Ainda que várias dinâmicas utilizadas ao longo do evento tentem amenizar a competitividade, que as formas de avaliação e classificação sejam pensadas com intuito de manter certos princípios da GPT, e que o “regulamento” do evento não imponha um código gestual (semelhante ao CoP), a proposta de um evento de natureza avaliativa, classificatória e competitiva parece indicar certas aproximações com as ginásticas esportivizadas, principalmente, quando a reflexão nos conduz para os efeitos a longo prazo da realização de um evento como esse (Menegaldo, 2018).

Um dos efeitos que poderia ser destacado é o surgimento de modelos ou padrões de referência, que se instalam, naturalmente, mediante a classificação dos grupos por sua performance. Conforme as edições do evento se realizam e determinados grupos são colocados em destaque, é de se esperar que esses grupos influenciem as construções coreográficas dos outros grupos participantes, quase como uma tentativa de alcançar uma performance modelo, o que poderia comprometer, em longo prazo, a diversidade e a criatividade dos grupos (Menegaldo, 2018). Embora tenham sido realizadas poucas edições do WGFLC até o momento, já é possível identificar um grande número de grupos que reproduzem as ideias e estruturas



coreográficas de grupos que se destacaram nesses eventos, movimento que pode ser identificado tanto em festivais nacionais como na própria WG.

Por fim, o WGFLC nos faz, como pesquisadores, reconhecer a existência da faceta competitiva no contexto da GPT, multiplicando o cuidado ao tratá-la como uma prática não-competitiva. É a partir dessa reflexão, fundamentada por uma produção científica significativa, que enaltece o potencial da prática relacionado à ausência de competição, que adotamos a expressão “essencialmente” não-competitiva para caracterizar a GPT, acreditando ser esse aspecto um dos diferenciais de maior importância da prática e mais uma particularidade que reforça a resistência ao retomarmos o processo de esportivização.

### **Porque, afinal, um processo de resistência?**

Ao apresentarmos de maneira cronológica os acontecimentos relevantes da trajetória da GPT na FIG, é possível afirmar que essa prática é institucionalizada a partir, principalmente, de dois aspectos. O primeiro deles está relacionado ao controle, ao poder e à visibilidade que a FIG conquista ao garantir um espaço para essa prática dentro da instituição, mediante o expressivo número de praticantes e o estratégico posicionamento que a federação atribui à GPT quando a caracteriza como prática gímnica fundamental, base para outras disciplinas. Ao lhe reconhecer e atribuir esse papel, a FIG reforça esse processo institucional a partir de um segundo aspecto, que é a criação do Comitê de GPT, responsável pela organização da prática, de sua proposta, objetivos e eventos. Esse processo enfatiza seu caráter institucionalizado e impulsiona a prática interna e externamente à federação, através das ações do Comitê e de seu discurso, possibilitando sua propagação nos mais diferentes países.

A institucionalização da GPT, portanto, ocorreu. E foi, a nosso ver, benéfica, principalmente, aos países que não têm a ginástica como uma prática tradicional. Talvez, o maior ganho desse reconhecimento e do espaço institucional tenha sido exatamente o alcance, por meio da divulgação de eventos e formações, de regiões e países que, até poucas décadas atrás, não possuíam a GPT como uma alternativa no campo das práticas corporais voltadas para o lazer. No entanto, de maneira objetiva, talvez, seja possível afirmar que a institucionalização foi sutil, uma vez que foi uma das poucas etapas do processo de esportivização ao qual a GPT cedeu durante sua longa trajetória.

O principal argumento que nos leva a esse raciocínio é a ausência de regras gestuais, ou seja, a não existência de uma sistematização de movimentos, mais especificamente, no contexto gímnico, de um CoP. Uma prática não sistematizada é sinônimo de aproximações com a diversidade de níveis de habilidade; sugere a possibilidade de diferentes corpos e movimentos e, portanto, de diferentes técnicas (Bortoleto, 2008); flerta com idades, culturas, influências e ideias dinâmicas; e, por fim, indica o potencial criativo, expressivo e coletivo de uma forma flexível de se praticar ginástica (Menegaldo e Bortoleto, 2020). Sendo vários desses indícios proposições feitas pelo próprio Comitê de GPT, entende-se que o diferencial dessa prática reside, exatamente, na ausência dessa sistematização, distanciando-a de características inerentes às práticas esportivizadas, como a especialização e a quantificação (Guttmann, 1978).

Ainda que existam tendências à realização de eventos competitivos, é possível reafirmar que a essência não competitiva da GPT permanece, não só a partir da valorização desse aspecto por diferentes profissionais envolvidos com essa prática, mas, também, pela extensão e potência da WG, festival que, como mencionado antes, tem um forte apelo não competitivo na realização de suas várias atividades. Dessa forma, mesmo com a existência de uma demanda competitiva, a ausência de um código gestual não permite a instalação institucional de critérios avaliativos rígidos e objetivos, ou ainda de quantificações precisas, o que, em nossa perspectiva, resguarda certa diversidade e subjetividade à prática da GPT.

Partindo das premissas expostas, ainda que a FIG viabilize a organização de um evento oficial em forma de “concurso” (WGFLC), entendemos que a GPT expressa uma forma de resistência ao processo de esportivização, proporcionando, inclusive, um contraponto para a própria FIG no que tange a gestão e a promoção da ginástica internacionalmente. Com isso, entendemos que a GPT caminha na contramão da esportivização, de modo a não assumir o uso de códigos gestuais, promovendo a manifestação da diversidade cultural, estética e técnica, como forma de divertimento e congraçamento reunidos em coreografias e participações em festivais ao redor do mundo.

## Notas

<sup>1</sup>Até o ano de 2007, a GPT foi denominada como Ginástica Geral (em inglês, *General Gymnastics*). A mudança de nomenclatura ocorreu por influência do movimento intitulado Esporte para Todos (EPT), expressivamente difundido na comunidade europeia (FIG, 2006a). Neste trabalho, optamos por utilizar a nomenclatura atual – Ginástica para Todos – para desenvolver nossas reflexões, ainda que algumas delas estejam relacionadas a momentos anteriores à mudança de nomenclatura citada.

<sup>2</sup>Cada Federação Nacional membro da FIG tem direito a um voto, sendo eleitos os candidatos com maior número de votos (FIG, 2019a).

<sup>3</sup>Atualmente, o Comitê de GPT é formado por sete membros, entre eles, um presidente e dois vice-presidentes. Esses membros são oriundos de sete federações nacionais distintas e são eleitos em assembleia pelos membros do Comitê Executivo e dos outros Comitês Técnicos. Para candidatura, a FIG indica cinco pré-requisitos, dos quais, ao menos três devem ser cumpridos pelos candidatos como, por exemplo, a realização de cursos, conhecimento da GPT em âmbitos nacional e internacional e experiências com grandes eventos da prática (FIG, 2019a).

<sup>4</sup>Essa alteração no título do evento se deve ao fato de que, até 2008, o único festival promovido pelo Comitê de GPT era a *World Gymnaestrada*. Após essa data, outro festival, o *World Gym for Life Challenge*, passa a ser organizado, também quadrienalmente, e, por isso, a FIG passa a utilizar esse curso para divulgação de ambos os eventos, o que resulta na mudança para *Join Gymnastics for All Events*.

## Referências

Ayoub, E. (1998). *A ginástica geral na sociedade contemporânea: Perspectivas para a Educação Física escolar. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.*

Azevedo, L. H. R. e Gallardo, J. S. P. (2007). *Fundamentos básicos da ginástica acrobática competitiva. São Paulo: Editora Autores Associados.*

Bento-Soares, D. (2019). *Formação de treinadores(as) de Ginástica para Todos no mundo: Uma análise de programas de federações nacionais. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.*

Bortoleto, M. A. C. (2008). *Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. Em E. Paoliello (Org.), Ginástica Geral: Experiências e reflexões (pp. 167-190). São Paulo: Phorte.*

Bortoleto, M. A. C., Carrara, P. e Roveri, M. G. (2018). *Trampoline gymnastics: The Brazilian participation at International Championships – the Olympic Games still a dream. Science of Gymnastics Journal, 10(3), 467-483.*

Bortoleto, M. A. C. et al. (2019). *What motivates people to participate in a non-competitive Gymnastics festival? A case study of World Gymnaestrada. Science Gymnastics Journal, 11(1), 15-22.*

Corbin, A., Courtine, J. e Vigarello, G. (2006). *Histoire Du Corps. Paris: Seuil.*

Dunning, E. (2014). *Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios. São Paulo: Annablume.*

Elias, N. (1994). *O processo civilizador. (2ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.*

Elias, N. e Dunning, E. (1992). *A busca da excitação. Lisboa: Memória e Sociedade.*

Fédération Internationale de Gymnastique. (2006a). *General Gymnastics. Lausanne: FIG.*

Fédération Internationale de Gymnastique. (2006b). *History goes on. Lausanne: FIG.*

Fédération Internationale de Gymnastique. (2010). *Foundations of Gymnastics. Canadá: Ruschkin.*

Fédération Internationale de Gymnastique. (2011). *World Gym for Life Challenge regulation. Lausanne: FIG.*

Fédération Internationale de Gymnastique. (2014). FIG Foundation. Recuperado de: <http://www.fig.net/figfoundation/>.

Fédération Internationale de Gymnastique. (2016). Milestones. Lausanne: FIG.

Fédération Internationale de Gymnastique. (2017a). FIG decision-making bodies greenlight inclusion of a new discipline. Recuperado de: <http://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=1795>.

Fédération Internationale de Gymnastique. (2017b). World Gym for Life Challenge gains momentum. Recuperado de: [https://live.fig-gymnastics.com/news\\_display.php?idevent=11617&idnews=1844&keyword=](https://live.fig-gymnastics.com/news_display.php?idevent=11617&idnews=1844&keyword=).

Fédération Internationale de Gymnastique. (2019a). Statutes. Lausanne: FIG.

Fédération Internationale de Gymnastique. (2019b). Gymnastics for All Manual. Lausanne: FIG.

Fink, H. (2018). History of 356 academies since 2002. Recuperado de: <https://www.fig-gymnastics.com/site/pages/education/academy-history.pdf>.

Gajdoš, A., Provaznikova, M., Bednar, K. e Banjak, S. J. (2012). Sokol Slets: The essence of gymnastics in Czechoslovakia, Czech and Slovak Republic. *Science of Gymnastics Journal*, 4(3), 73-82.

Green, M. (2006). From 'Sport for All' to Not About 'Sport' at All? Interrogating Sport Policy Interventions in the United Kingdom. *European Sport Management Quarterly*, 6(3), 217-238.

Guttmann, A. (1978). *From Ritual to Record: The nature of modern sports*. New York: Columbia University Press.

Hartmann-Tews, I. (2002). *Sport for All: System and policy*. Em R. Naul e K. Hardman (Orgs.). *Sport and Physical Education in Germany*. New York: Routledge.

Menegaldo, F. R. (2018). *Ginástica para Todos: Por uma noção de coletividade*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Menegaldo, F. R. e Bortoleto, M. A. C. (2020). The role of time and experience to the Gymnastics for All practice: Building a sense of collectivity. *Science of Gymnastics Journal*, 12(1), 19-26.

Oliveira, M. S. e Bortoleto, M. A. C. (2009). O código de pontuação da ginástica artística masculina ao longo dos tempos. *Journal of Physical Education*, 20(1), 97-107.

Parlebas, P. (1988). *Elementos de sociología del deporte*. Málaga: Junta de Andalucía.

Parlebas, P. (2001). *Léxico de Praxiología Motriz: Juegos, deporte y sociedad*. Barcelona, Editorial Paidotribo.

Patrício, T. L. e Bortoleto, M. A. C. (2015). Festivais ginásticos. *Conexões*, 13(4), 98-114.

Patrício, T. L., Bortoleto, M. A. C. e Carbinatto, M. V. (2016). Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(1), 199-216.

Pfister, G. (2010). *Gymnastics, a transatlantic movement: From Europe to America*. London: Routledge.

Quitzeau, E. A. (2014). "A ginástica alemã": Aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(2), 501-514.

Roubal, P. (2003). *Politics of Gymnastics: Mass Gymnastic Displays under Communism in Central and Eastern Europe*. *Body and Society*, 9(2), 1-25.

Scharagrodsky, P. (2011). *Invencion del homo gymnasticus*. Buenos Aires: Prometo Libros.

Soares, C. L. (1998). *Imagens da educação no corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Papirus.

Soares, C. L. (2000). *Notas sobre a educação do corpo. Educação em Revista, 16, 43-60.*

Soares, C. L. e Moreno, A. (2015). *Práticas e prescrições sobre o corpo: A dimensão educativa dos métodos ginásticos europeus. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 37(2), 108-110.*

Vuori, I., Lankenau, B. e Pratt, M. (2004). *Physical Activity Policy and Program Development: The Experience in Finland. Public Health Reports, 119(3), 331-345.*

Wichmann, A. (2015). *Diversity versus Unity: A Comparative Analysis of the Complex Roots of the World Gymnaestrada. The International Journal of the History of Sport, 32(4), 614-629.*